

A GRAFIA DOS ONSETS COMPLEXOS POR CRIANÇAS BRASILEIRAS, MOÇAMBICANAS E PORTUGUESAS

DIEGO DOMINGOS GOULART¹; ANA RUTH MORESCO MIRANDA²

¹Universidade Federal de Pelotas – diego_goulart_022@hotmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer da alfabetização, as crianças encontram dificuldades ao registrarem a estrutura silábica complexa *CCV* e *lançam* mão de estratégias tais como: omissão da líquida ('bruxa' ~ 'buxa'), metátese ('sempre' ~ 'seper'), substituição ('blusa' ~ 'brusa') e epêntese ('flores' ~ 'folloros'), dentre outras. Além disso, produzem sílabas complexas que não estão na palavra-alvo, como por exemplo, metátese ('experimenta' ~ 'espreneta'; 'caçador' ~ 'caçandro'), epêntese consonantal ('braba' ~ 'brabra'), alternância de C_1 ('barriga' ~ 'praida'). Essas produções encontradas compõem ao *corpus*¹ analisado para o presente trabalho.

De acordo com BISOL (1999), o *onset* complexo (sílabas complexas ou ataque complexo) *CCV* é constituído por duas consoantes, a saber, (C_1), composta por uma fricativa labiodental ou uma oclusiva, e (C_2), sempre por soantes líquidas alveolares, /l/ e /r/, como em 'blusa' e 'sempre', por exemplo.

Neste estudo exploratório, pretendem-se analisar e comparar as estratégias utilizadas pelas crianças ao registrarem, na escrita, os *onsets* complexos do português, a partir de dados produzidos por crianças brasileiras, moçambicanas e portuguesas. Para dar subsídios ao estudo, mencionam-se os resultados de MIRANDA (2019) e PACHALSKY (2020) que analisam dados de escrita de crianças brasileiras; SANTOS (2013) que focaliza a aquisição de grupos consonânticos por crianças portuguesas e VICENTE (2018) que tratam de dados de escrita de crianças moçambicanas.

2. METODOLOGIA

Os textos de que foram extraídos os dados para este estudo foram produzidos por alunos– brasileiros, de 1º a 4º séries do Ensino Fundamental de Pelotas/RS; portugueses, de 1ª a 3ª séries do Ensino Fundamental de Porto/Portugal e moçambicanos, de 2º a 3º anos do Ensino Básico, de Maputo/Moçambique –, todos oriundos da rede pública. São escritas que constituem os estratos 3 (Português Brasileiro -PB), 4 (Português Europeu -PE) e 9 (Português Moçambicano - PM) do BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita) vinculado ao GEALE/FaE/UFPEL (Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita). De um montante de 1561 produções textuais encontradas nos respectivos estratos, foram passíveis de análise 454 textos, os quais se distribuem em 140 para o PB, 166 para o PE e 148 para o PM, tendo como critérios: a) pertencer ao Ciclo de Alfabetização; b) ter o português como língua

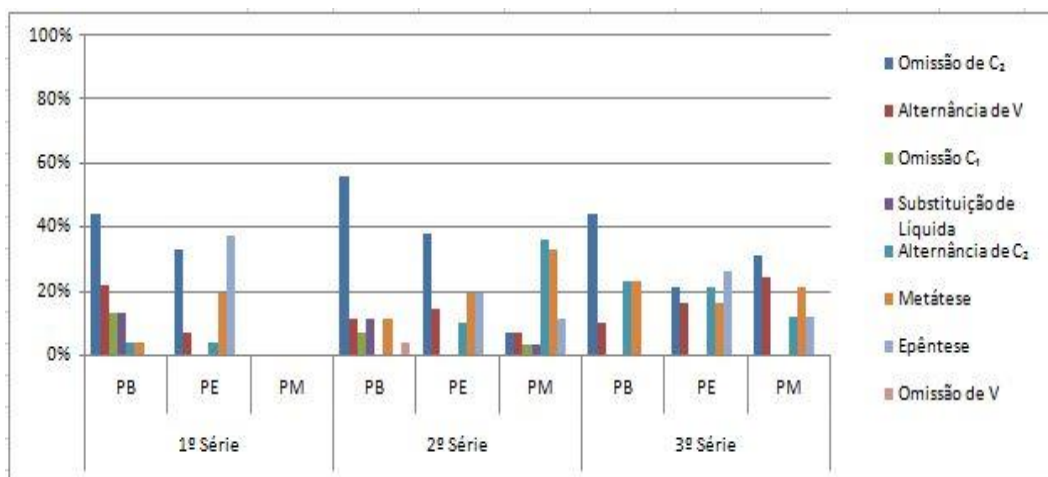
¹Os dados compõem a pesquisa de dissertação, intitulada "A grafia de Onset Complexo no Ciclo de Alfabetização: um estudo comparativo entre os dados de escrita brasileiros, portugueses e moçambicanos", a qual se encontra em desenvolvimento e cujo objetivo é analisar e descrever as estruturas de sílabas complexas das variantes brasileiras, portuguesas e moçambicanas do português, a partir de dados de escrita infantil pertencentes ao BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita).

materna; c) conter palavras com *onset* complexo. As palavras foram dispostas em uma planilha excel e separadas por: ano escolar, tipo de *onset* complexo e estratégia utilizada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a computação de acertos e erros nas grafias das crianças, procedeu-se a descrição de todos os dados em que são previstos *onsets* complexos. Foram encontradas aproximadamente 2400 palavras-alvo contendo algum tipo de grafia com a estrutura CCV, tendo a seguinte distribuição nas três variedades do português – 733 (noPB); 1149 (no PE); 517 (no PM); dessa distribuição, foram categorizadas, por meio de erros, as estratégias empregadas pelas crianças, conforme apresentadas no Gráfico 1.

Gráfico 1: Distribuição de Estratégias Empregadas Existentes nas Variedades do Português



Fonte: Dados de Pesquisa – BATALE/UFPEl

O Gráfico 1 mostra que a omissão de C₂ é a estratégia mais frequente nas três variedades do português, a saber - no PB (em média de 46%), no PE (em média de 30%), no PM (em torno de 30%, sendo esta encontrada apenas na terceira série). Seguidamente, têm-se a metátese, alternância de vogal, alternância de C₁ e epêntese. No PB, por exemplo, a alternância de vogal (em média 14%) foi a segunda estratégia preferida no *Ciclo*, posteriormente, a metátese (em torno de 11%), omissão de C₁ e substituição de líquida (ambas em torno de 08%); noPE, como mostra no Gráfico 1, a epêntese vocálica é a segunda preferência nesta variedade do português (em média de 27% em todo o *Ciclo*), seguidas de metátese (em torno de 20%), alternância de vogal (em média de 17%); No PM, conforme o Gráfico 1, a alternância de C₂ foi a segunda estratégia mais recorrente (com média de 30%), seguida de metátese, alternância de vogal e epêntese, com médias de 25%, 12%, 10%, respectivamente. Tais estratégias também se assemelham aos achados de SANTOS (2013), VICENTE (2018), MIRANDA (2019) e PACHALSKI (2020).

MIRANDA (2019) e PACHALSKI (2020) defendem que essas estratégias decorrem de motivação fonológica e que, no decorrer do processo de escolarização, as crianças tendem a suprir os obstáculos que o próprio sistema de escrita lhes proporciona, diminuindo, assim, os erros gráficos. Quanto à incidência do apagamento de C₂, a tendência é transformar uma sílaba complexa em simples (CCV>>CV).

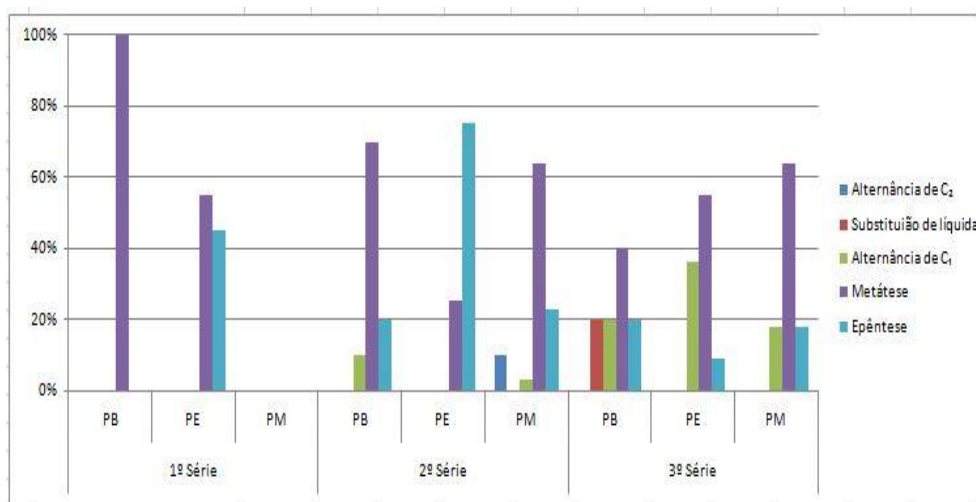
Em relação à epêntese, tanto SANTOS (2013) quanto VICENTE (2018) concordam que se trata de uma cópia da vogal da sílaba adjacente, como por exemplo, ‘flores’ ~ ‘follores’, transformando CCV em CVCV. Nesse sentido, também há de se considerar que a alternância de vogais obtém a mesma justificativa dos autores quando as crianças alteram apenas a vogal assimilando as características da sílaba-alvo, como em ‘estranho’~‘estrenho’.

Para casos envolvendo metátese, PACHALSKI e MIRANDA (2017; 2018), ancoradas em RIBAS (2004) e RADMER (2007), buscaram definir variáveis linguísticas relacionadas ao fenômeno e os resultados mostraram a que a natureza dos segmentos envolvidos bem como a complexidade da estruturasilábica favorecem a presença da metátese.

Quanto aos onsets complexos que mais apresentaram erros, tem-se, por ordem de frequência nas grafias das crianças: i) <br, tr, gr >, no PB; ii) <fl, dr, gr >, no PE; e iii) <fl, tr, pr > no PM. Estudos como o de ALBANO (2001) e MIRANDA (2019) mostram que no léxico do português e em uma amostra de textos do BATALE, as sequências – fl>tr>pr> gr >br>fr>dr – são as frequentes. Note-se que é exatamente a mesma sequência observadas nos dados do PM.

Para além daquelas estratégias empregadas convencionalmente, há outras com que as crianças se deparam por algum tipo de barreira na escrita e criam um onset complexo em palavras nas quais a estrutura não se observa. O Gráfico 2 mostra a distribuição de tais estratégias no *corpus* estudado.

Gráfico 2: Distribuição de dados com grafia de onset complexo que não integra a palavra-alvo



Fonte: Dados de Pesquisa – BATALE/UFPEl

Conforme se observa no gráfico (2), as estratégias encontradas nas grafias de *onsets* complexos que não estão na palavra-alvo são – metátese, epêntese consonantal, alternância de C₂, substituição de líquida e alternância de C₁. Em comparação às estratégias empregadas por OC presentes na palavra-alvo, a metátese e epêntese também foram as preferidas pelas crianças. Chama-se atenção que, na maioria dos casos, a produção de OC onde não havia, ocorreu com a presença da rótica.

4. CONCLUSÕES

Este estudo exploratório mostrou que, nas variedades do português, as principais estratégias empregadas pelas crianças das três amostras estudadas são – omissão de C₂, metátese, epêntese e alternância de vogal com *onsets* complexos existentes –; e metátese e epêntese para *onsets* complexos de palavras em que não há a estrutura CCV. Em ambos os grupos de dados (aqueles nos quais há a estrutura CCV e o que não apresenta tal estrutura, mas ainda assim ela é grafada), tanto as estratégias quanto os erros por tipo de *onset* complexo produzem resultados semelhantes. Essas estratégias encontradas em dados de escrita, em sua maioria, derivam de aspectos fonológicos, e, por conta disso, são materiais de investigação do GEALE, cujos estudos buscam revelar as hipóteses infantis, por meio de pistas encontradas na aquisição da escrita alfabética, possibilitando a compreensão de que os processos da escrita são evolutivos e as crianças, quando enfrentam algum obstáculo da escrita, cometem erros que têm ancoragem nos conhecimentos fonológicos disponíveis a elas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MIRANDA, A. R. M. **As sílabas complexas**: fonologia e aquisição da linguagem oral e escrita. FórumLinguístico, Florianópolis, v.16, n.2, p.3825-3848, abr./jun., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n2p3825>

PACHALSKI, L. **A grafia de sílabas complexas na aquisição da escrita**: relações entre fonologia e ortografia. Dissertação (Mestrado) - Programa de PósGraduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2020.

SANTOS, R. (2013) **Aquisição de grupos consonânticos e seu impacto nos desempenhos escritos no 1º Ciclo do Ensino Básico**. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa.

VICENTE, F. L. **Impacto da complexidade silábica no desenvolvimento fonológico e na aprendizagem da ortografia em Português Língua Segunda no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico Moçambicano**. Tese de Doutorado – Fundação Calouste Gulbenkian, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa/Portugal. Lisboa, 2018.